

O estágio curricular supervisionado como componente teórico e prático em cursos de formação inicial de professores

Nadiane Feldkercher *

Resumo

As orientações legais para a formação de professores apontam para a articulação entre teoria e prática em tais cursos e esclarecem que a dimensão prática deve ultrapassar o limite do estágio curricular supervisionado e estar presente em todos os componentes curriculares do curso. Frente a isso, nesse artigo, discuto e defendo a dimensão teórica e prática para os cursos de formação inicial de professores, o estágio curricular supervisionado como componente essencial para a formação do professor e a dimensão teórica e prática dos estágios desses cursos.

Palavras-chave: formação inicial de professores; estágio curricular supervisionado; teoria; prática.

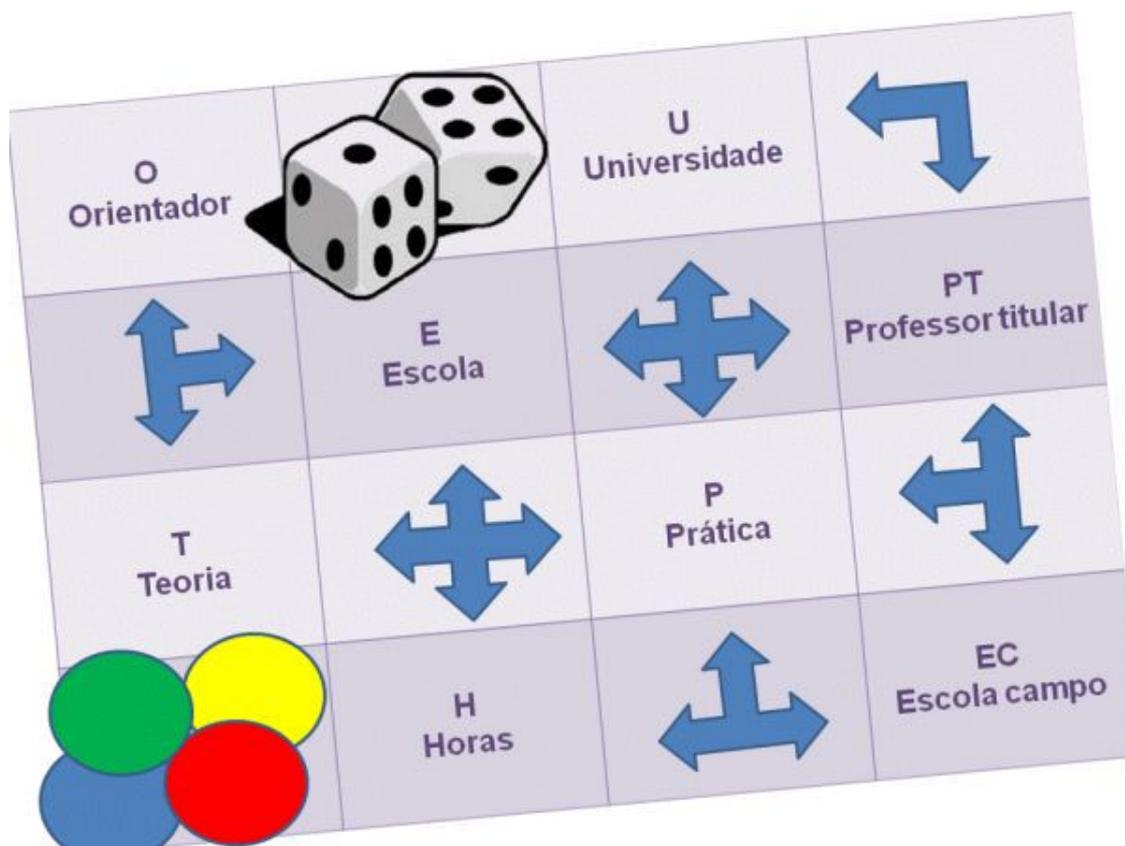
Abstract

The legal guidelines for teachers' education point to the link between theory and practice in such courses and clarify that the practical effect may exceed the limit of supervised curricular training and to be present in all components of the course curriculum. Because of that, in this article, I discuss and defend the theoretical and practical dimension to the courses of initial teachers' education, the supervised curricular training as an essential component for teachers' education and theoretical and practical dimension of the training of these courses.

Key words: initial teachers' education; supervised curricular training; theory; practice.



* **NADIANE FELDKERCHER** é acadêmica do Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Linha de pesquisa: Formação de professores: ensino, práticas e processos educativos.



Apontamentos iniciais

Ao se pensar a relação teoria e prática nos cursos de formação inicial de professores, de certo modo, existem sentidos comuns. No senso comum, algumas pessoas acreditam que o conhecimento da técnica e o conhecimento prático são suficientes para o professor ensinar; outras acreditam que conhecendo a teoria é possível uma boa atuação docente. Porém, não é assim que compreendo o trabalho do professor.

Ninguém se tornará um bom profissional apenas executando determinadas atividades ou estudando teorias, pois vejo a prática intrínseca à teoria e a teoria intrínseca a prática; nem teoria nem prática têm fim em si - o que explico melhor na seqüência.

A desarticulação entre teoria e prática nos cursos de formação inicial de

professores perdurou por muitos anos. Durante muito tempo a formação ocorreu pelo modelo “3+1”, onde os três primeiros anos eram teóricos e o ano seguinte era o pólo prático da formação de professores. A partir dessa percepção, da dissociação e possível defasagem nos cursos de formação inicial de professores, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) estabeleceu, no seu artigo 61, que a formação dos profissionais da educação deve ter como fundamento a associação entre teorias e práticas.

Posterior a LDB, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica (Resoluções do CNE/CP nº 1 e 2/2002 – DCN) ressaltaram a necessidade de se repensar a teoria e prática nos cursos de formação de professores enfatizando que não se deve polarizar essas

dimensões mas compreende-las como componentes curriculares relacionais, garantindo a sua unidade.

As Resoluções CNE/CP nº 1 e 2/2002 trouxeram novas perspectivas para a prática como componente curricular e para o estágio curricular supervisionado: elas não prevêm que a dimensão prática seja vivenciada somente no último ano do curso mas indicam que a prática como componente curricular seja vivenciada durante todo o curso e que o estágio inicie na segunda metade do curso. A Resolução nº 1/2002 indica ainda que a prática deve estar presente em todas as disciplinas que constituem o currículo do curso de formação e não exclusivamente nas disciplinas de caráter pedagógico. Além disso, a Resolução CNE/CP nº 2/2002 estipulou que das 1800 horas do curso de formação inicial de professores 400 horas devem ser destinadas as práticas como componente curricular e 400 horas para os estágios curriculares supervisionados. Como as Resoluções sugerem que a prática comece no início do curso entende-se que ela não é concebida como aplicação de teorias e que tende a colaborar para que o aluno compreenda como funciona o sistema educativo e prepare-se para seu posterior estágio de regência de classe.

Idealiza-se, então, que teoria e prática sejam indissociáveis durante a formação inicial de professores e que a prática não fique isolada ao estágio curricular supervisionado.

Como as orientações legais, defendo que a formação de professores deve articular teoria e prática e, além disso, considero o estágio curricular supervisionado um componente curricular que não separa a prática e a teoria. Dessa forma explicito o que entendo por teoria e por prática.

Igualmente a Pimenta e Lima (2004, p. 43) compreendo que o papel das teorias é

[...] iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade.

Nessa função que as autoras atrelam a teoria é perceptível que essa não se desvincula da prática e que, com a prática, a teoria está sempre se reinventando.

Para compreender a dimensão prática da formação de professores concordo com Fávero (2001, p.65) quando expressa que a prática é “um ponto de partida e, também, de chegada”. A prática não é reduzida a uma ação repetida ou a uma experiência sem reflexão; a prática proporciona a reflexão sobre o fazer, a prática requer embasamento teórico e possibilita também a (re)construção de conhecimentos.

Ante esses entendimentos é possível visualizarmos um ciclo contínuo entre teoria e prática, um vai e vem ininterrupto: a teoria ilumina a prática e assim possibilita novos fazeres; a prática comprova, desmente e aperfeiçoa teorias; as teorias são sustentadas por práticas e as práticas por teorias. Enfim, teoria e prática são indissociáveis.

Por si só a teoria não leva à transformação da realidade e não se objetiva. A prática também não fala por si mesma. A partir disso, chega-se ao conceito de *práxis* entendendo essa não só como a unidade entre teoria e prática, mas como uma “ação com sentido humano [...] projetada, refletida,

consciente, transformadora do natural, do humano e do social” (PEREIRA, 1982, p. 77).

Possivelmente seja nesse sentido que Pimenta (2006, p. 83) argumenta que “a atividade docente é práxis” e, explicita esse conceito a partir da contribuição de Vásquez que concebe práxis como uma prática que se faz pela atividade humana de transformação da natureza e da sociedade, pela atitude humana diante do mundo, da sociedade e do próprio homem.

A partir dos apontamentos feitos até então acerca da teoria e da prática nos cursos de formação de professores pergunto: como ocorre a articulação entre teoria e prática nos cursos de formação inicial de professores? Quem são os encarregados pela formação teórica e prática? O professor responsável pelo estágio e a escola campo assumem responsabilidades maiores sobre a formação prática dos professores?

O estágio na formação inicial de professores

Um dos componentes curriculares que constitui qualquer curso de formação inicial de professores é o estágio curricular supervisionado. O estágio pode ser visto a partir de diferentes perspectivas: por um lado pode ser considerado o momento prático, momento ou de aplicações de teorias e, por outro lado, pode ser entendido como uma disciplina de unidade entre teoria e prática.

Como já mencionado, entendo o estágio como um componente que integra teoria e prática, porém faço a ressalva de que não é somente esse componente curricular o responsável por essa coesão em cursos de formação inicial de professores; a dimensão prática da formação docente deve transcender ao

estágio curricular supervisionado ou, conforme orientação do parágrafo primeiro do artigo 12 da Resolução CNE nº 1/2002, a “prática, na matriz curricular, não poderá ficar reduzida a um espaço isolado, que a restrinja ao estágio, desarticulado do restante do curso”.

Compreendo o estágio na formação de professores como um componente essencial, um momento vantajoso para a formação crítica e reflexiva do professor e para a construção dos saberes advindos da prática (LEITE; GHEDIN; ALMEIDA, 2008). Lembro que o foco desta discussão é o estágio curricular, o estágio obrigatório para os cursos de graduação. Para explicitar o estágio obrigatório trago as orientações da Lei nº 11.788/2008 - que dispõe sobre estágio de estudantes - que no artigo 2º diferencia estágio obrigatório de estágio não-obrigatório:

§ 1º Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma.

§ 2º Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória.

O estágio curricular nos cursos de licenciatura pode ser caracterizado por um conjunto de tarefas temporárias com vista à formação do futuro professor. Em outras palavras Pimenta (2006, p. 21) expressa que o estágio é composto por “atividades que os alunos deverão realizar durante o seu curso de formação, junto ao campo futuro de trabalho”, no caso, na escola.

É possível entender ainda o estágio como um “processo de apreensão da realidade” (PIMENTA, 2006, p. 76) ou como “um campo de conhecimento, uma aproximação do estagiário com a

profissão docente e com os seus profissionais em seu local de trabalho, no concreto das suas práticas” (LIMA, 2009, p. 47). No estágio o professor em formação desenvolverá atividades temporárias que objetivam a sua compreensão sobre o espaço escolar e o seu total desenvolvimento como professor.

Compreendo o estágio como um momento de aprendizagens, tanto teóricas quanto práticas do professor em formação junto ao espaço de atuação de um professor reconhecido. Ao encontro dessa idéia Piconez (1991, p. 25) argumenta que o estágio é “um componente teórico-prático, isto é, possui uma dimensão ideal, teórica, subjetiva, articulada com diferentes posturas educacionais, e uma dimensão real, material, social e prática, própria do contexto da escola brasileira”. Outras autoras também compreendem que o estágio articula teoria e prática, como Pimenta e Lima (2004, p. 45) que expressam que o estágio “é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade” na qual o futuro professor atuará. Além disso, o estágio

[...] deve ser um momento de síntese dos conteúdos das matérias de ensino, das teorias de aprendizagem e das experiências pessoais, bem como deve constituir-se em um processo de reflexão-ação-reflexão, que ultrapasse a experiência (restrita) no colégio de aplicação. (PIMENTA, 2006, p. 75)

No estágio é possível que o estagiário reveja sua formação, reconheça em que aspectos deve procurar maiores conhecimentos e assim melhorar sua atuação como professor. O estágio é mais que “dar aulas”, é necessário despertar no estagiário a idéia de que ele está inserido em uma escola e,

assim, deve preocupar-se com todo o contexto. O estágio é mais que “dar aulas” porque se entende que o professor não é um técnico que somente dá aulas e volta para casa - como se a docência se constituísse somente por isso. O estágio não deve ser um tempo curto e pontual, não deve configurar-se basicamente pela observação ou práticas com fins em si mesmas e sim, deve buscar formar no estagiário uma visão das diversas dimensões do trabalho docente bem como a reflexão crítica sobre suas ações.

Como Leite; Ghedin e Almeida (2008, p. 35-36) defendo que no estágio o estagiário deverá

[...] desenvolver a docência, preparando-se para efetivar as práticas de ser/estar professor, na dinâmica complexa da realidade de sala de aula.

O estágio deve oferecer ao aluno de licenciatura condições para que perceba que o professor é um profissional, inserido em determinado espaço e tempo históricos, capaz de questionar e refletir sobre a sua prática, assim como sobre o contexto político e social no qual esta se desenvolve.

Estagiar é se inserir no espaço escolar, conhecer sua realidade, identificar e diagnosticar seus problemas, participar da gestão democrática da escola, ensinar, instigar a aprendizagem de todos os alunos, dentre outros.

Apontamentos finais

O estágio curricular supervisionado nos cursos de formação inicial de professores não é o responsável pela formação prática desses profissionais. A dimensão prática da formação, segundo orientações legais, não deve ficar isolada ao estágio e/ou desarticular-se do restante do curso.

Para superar a desarticulação entre teoria e prática nos cursos de formação inicial de professores, as Resoluções CNE/CP nº 1 e 2/2002 estipularam que a prática deve perpassar todo o curso, deve desenvolver-se do início ao fim do mesmo bem como estar presente no interior de todas as disciplinas do currículo de formação.

De outra forma, essas Diretrizes também trouxeram uma nova perspectiva para o estágio: ele não deve ser mais desenvolvido no último semestre do curso mas iniciar na segunda metade deste e totalizar, igual a prática como componente curricular, 400 horas.

Esse desenho que se fez para a composição dos currículos dos cursos de formação de professores demonstra que não é preciso primeiro dominar a teoria para posteriormente desenvolver a prática e intenciona superar o distanciamento entre teoria e prática. Assim tem-se a compreensão de que concomitantemente a teoria sustenta a prática e a prática sustenta a teoria, ou seja, uma dimensão é dependente da outra.

Como num curso de formação inicial de professores, o estágio curricular supervisionado também é composto pela articulação entre teoria e prática. O estágio não é nem aplicação de teorias nem momento só prático da formação de professores. O estágio na formação de professores é um componente curricular que tem a teoria intrínseca a prática e vice-versa.

Percebo um ciclo contínuo entre teoria e prática na formação de professores: teorias explicam práticas, práticas geram teorias, teorias advêm de práticas e vice-versa: práticas explicam teorias, teorias geram práticas, práticas advêm de teorias. Por fim, teoria e prática são

elementos indissociáveis na formação de professores como também no estágio curricular supervisionado de cursos de formação de professores.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002: **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2010.

_____. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP nº 2, de 19 de fevereiro de 2002: **Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2010.

_____. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008: **Dispõe sobre o estágio de estudantes.** Disponível em: <<http://www.normaslegais.com.br/legislacao/lei11788.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2010.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2010.

FÁVERO, M. L. A. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: LINHARES, C.... [et.al]; ALVES, N. (org). **Formação de professores: pensar e fazer.** 6.ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 53-71.

LEITE, Y. U. F.; GHEDIN, E.; ALMEIDA, M. I. **Formação de professores: caminhos e descaminhos da prática.** Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

LIMA, M. S. L. O estágio nos cursos de licenciatura e a metáfora da árvore. In: **Pesquiseduca.** Santos, v. 1, n. 1, jan-jun. 2009. p. 45-48.

PEREIRA, O. **O que é teoria.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

PICONEZ, S. C. B. A Prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão. In: _____ (org.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papirus, 1991. p. 15-38.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.